

A DITADURA DA MODA: ANÁLISE DOS PADRÕES ESTÉTICOS E POSIÇÕES SOCIAIS AO LONGO DA HISTÓRIA¹

Sabrina Sbabbo Boeira²

Resumo: O presente projeto possui como objetivo analisar o mundo da moda ao longo de sua história, nas décadas de 1950, 1960 e 1970, identificando os padrões estéticos e as posições sociais ditadas pela mesma e acentuando a importância da quebra deste padrão. O método utilizado para a realização deste foi o qualitativo de descrição, com pesquisa de análise de dados, através de um questionário com perguntas abertas, as entrevistadas responderam com lembranças pessoais questões que abordam tendências de moda, liberdade feminina, marcos históricos e ícones de beleza das décadas. Os resultados obtidos apontam que as mulheres de antigamente sofriam muito com a ditadura da moda e as situações à que eram expostas pela mesma, e que, o cinema e os movimentos sociais foram grandes influenciadores de várias tendências de moda.

Palavras-chave: História da beleza. Padrões estéticos. Liberdade feminina.

1 Introdução

“Quanto mais numerosos foram os obstáculos legais e materiais vencidos pelas mulheres, mais rígidas, pesadas e cruéis foram as imagens da beleza feminina a nós impostas.” Wolf (1992, p. 11) traz a frase que contextualiza o assunto abordado neste projeto, padrões estéticos inalcançáveis e o porquê é necessário quebra-los.

Nesta senda, este artigo possui como tema *A ditadura da moda: análise dos padrões estéticos e posições ao longo da história*, com a pretensão de gerar reflexões e tomar conhecimento sobre como a moda possui caráter e poder ditador sobre a vida social, cultural e pessoal das mulheres.

¹ Artigo apresentado como requisito parcial para a conclusão do curso de Tecnologia em Design de Moda, da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL, Suellen Cristina Vieira, Mestre e Doutoranda em Ciências da Linguagem, Especialista em Gestão de Negócios e Graduada em Design de Moda. E-mail: suellen_zimba@hotmail.com.

² Sabrina Sbabbo Boeira. E-mail: sabrinababbo728@gmail.com

Este artigo possui como objetivo geral analisar o mundo da moda ao longo de sua história, nas décadas de 1950, 1960 e 1970, identificando os padrões estéticos e as posições sociais ditadas pela mesma e acentuando a importância da quebra deste padrão.

Ademais, com base nos estudos de caso e análise de dados, busca respostas para as seguintes questões: Como a ditadura da moda se impõe perante a sociedade? Os padrões estéticos se fazem presente desde os primórdios, afetando principalmente o grupo feminino? Qual o motivo pelo qual as mulheres sempre sofreram mais pressão estética do que os homens? Por qual razão a luta pela quebra de padrões se faz tão presente e necessária há décadas?

A técnica de pesquisa de estudo de caso foi utilizada neste artigo, tendo a pretensão de obter dados completos para analisar, interpretar e compreender as informações obtidas, para então, concluir o objetivo deste artigo de forma satisfatória. Um estudo de caso é uma descrição e análise, feita de forma detalhada, de um caso que apresente uma particularidade que o faça especial. (PEREIRA, 2018).

Stefani (2005) explica que a moda envolve bem mais que o ato de se vestir:

Moda não é apenas vestir, é um conjunto de informações que orientam costumes e comportamentos e variam no tempo e na sociedade. Aí estão incluídos, além de roupas e adornos, a música, a literatura, a arquitetura, os hábitos, enfim, tudo o que pode mudar com o tempo e que, a cada época, é ditado por determinada tendência. (STEFANI, 2005, p. 11)

Nesta senda, podemos compreender que a moda está ligada à todas as coisas do nosso dia a dia, seja de forma direta ou não, ela apenas está. Sendo assim, ao interferir na vida pessoal dos indivíduos atingidos pela ditadura da moda, ela acaba por se envolver tanto na saúde física quanto psicológica do mesmo. Compreender a ditadura da moda traz posicionamentos femininos e a rebelião contra os mesmos, acarretando na quebra dos padrões estéticos, e essa quebra, significa liberdade de ser quem, o que, onde e quando se quiser.

A pesquisa bibliográfica foi feita através de livros, artigos e matérias da internet, sendo o método de pesquisa o qualitativo de descrição, o propósito é analisar como os padrões estéticos e posições sociais são denominadas pela moda, desenvolvendo-se através de entrevistas não estruturadas com 12 mulheres de idade de 50 a 85 anos, via whatsapp e presencialmente.

A seguir, adentraremos no mundo da moda e seus significados, fazendo a análise do significado de beleza, padrões estéticos desde a Grécia Antiga até os anos 1940, para então nos aprofundarmos no contexto social, cultural e histórico das décadas de 50, 60 e 70.

2 História da beleza

Quando procurado o significado de *beleza* no dicionário, nos dizem que “é a qualidade do belo” e que *belo* é algo “que é muito agradável de se ver ou ouvir”. (FERREIRA,1989).

Umberto Eco (2004, p. 8), complementa estes significados argumentando que “nesse sentido, aquilo que é belo é igual àquilo que é bom” e ainda acrescenta o fato que também “tendemos a definir como bom aquilo que não somente nos agrada, mas que também gostaríamos de ter.”

Na área filosófica, Allan Rooger Moreira Silva (2014), nos traz a concepção de Platão, Kant e Aristóteles sobre o que é beleza:

Platão diz que a Beleza absoluta é o brilho ou esplendor da verdade. Platão ainda assinala que um juízo de beleza só é possível de ser enunciado quando o mesmo não possui um interesse na coisa que estamos considerando. Temos assim uma apreciação apenas pela beleza em si. Como a mesma é metafísica o interesse na matéria por ela mesma não importa, pois o carnal do corpo envelhece, e a luz do belo assim esvai-se. [...]Kant no século XVIII, [...] nos diz que a contemplação da beleza só se sustenta se for de forma desinteressada, como “prazer desinteressado”. Temos no pensamento de Aristóteles a Beleza apenas enquanto algo grandioso. Algo que não satisfaça o ideal de grandeza, prescrito por Aristóteles para algo ser considerado Belo, recai sobre outra categoria, como a do gracioso. Temos assim então que a Beleza para Aristóteles reside em ordem, harmonia e grandeza. (MOREIRA SILVA, A filosofia e o discurso sobre a beleza.)

Em contrapartida, na Grécia clássica, a beleza era qualidade do corpo masculino. Os homens faziam exercícios para esculpir o corpo através da prática de esportes, da retórica e da guerra, tendo a nudez como uma forma de exaltar toda sua grandeza física e a beleza dos homens, sendo a nudez proibida para o sexo feminino, por não possuíres poderes públicos, sendo confinadas ao espaço da casa, devendo vestir túnicas que as cobrissem até o joelho, sendo modificado o comprimento para os tornozelos quando usados em espaços públicos. Esse conceito predominou apenas até a queda do Império Romano, quando a figura feminina e seus atributos estão sendo diabolizados, ligando sua beleza física à sedução e ao prazer (BRITTO MOTA, 2006 apud SENNET).

Naomi Wolff comenta sobre a ideologia da beleza:

[...] a ideologia da beleza é a última das antigas ideologias femininas que ainda tem o poder de controlar aquelas mulheres que a segunda onda do feminismo teria tornado relativamente incontrolláveis. Ela se fortaleceu para assumir a função de coerção social que os mitos da maternidade, domesticidade, castidade e passividade não conseguem mais realizar. Ela procura neste instante destruir psicologicamente e às ocultas tudo

de positivo que o feminismo proporcionou às mulheres material e publicamente. (WOLFF, 1992, p. 13).

Joelza Ester Domingues (2015) em sua matéria intitulada “A beleza da Grécia Antiga ao século XIX” expõe o fato de que “a beleza passou a ser identificada com proporção” e que foram criadas proporções matemáticas para definir o ideal de beleza, sendo elas “[...] a face [...] 1/10 do comprimento total, a cabeça 1/8, o comprimento do tórax 1/4, [...]”.

Nesta lógica, Camila Suenaga (2012, p. 9), em seu artigo, fala sobre a beleza na sociedade contemporânea:

Na sociedade contemporânea, a prática do culto ao corpo e a beleza instituiu a sua explicitação e centralidade, transformando-o em um componente do mercado, como sujeito ou objeto de consumo, integrado as indústrias de cosméticos, roupas, objetos eróticos, clínicas estéticas, academias de ginásticas, publicidade, técnicas médicas, sob a lógica do sistema da moda.” (SUENAGA, 2012, Conceito, beleza e contemporaneidade: fragmentos históricos no decorrer da evolução estética.)

Com o século XX, mudanças entram em vigor na cultura da beleza. Enquanto no começo da história as modificações levavam séculos para acontecer, a partir do século XX, as mudanças mudavam após cada década, tendo o motivo de seu acontecimento o crescimento da exposição à outras culturas e a industrialização das civilizações. Viagens, revistas, jornais, rádios e o cinema foram fatores importantes de informação. (SUENAGA, 2012 *apud* D’ANGELO; LOTZ; DEITZ).

Nos anos 90, as modelos magérrimas eram o novo padrão de beleza. Modelos de roupas, cores, comprimentos de saia, altura de cós das calças, estilos de maquiagem, e mesmo o tom de pele marcam a moda, mesmo variando à cada estação. (SUENAGA, 2012, *apud* KURY; HANGREAVES; VALENÇA).

O conceito implantado em toda a sociedade de que, para ser bonita, a mulher tem a necessidade de ser magra, segundo Naomi Wolf (1992, pág. 12), fez com que crescessem “em ritmo acelerado os distúrbios relacionados à alimentação, e a cirurgia plástica de natureza estética veio a se tornar uma das maiores especialidades médicas” e, ainda há os dados de que, em uma pesquisa feita sobre o assunto, mais de “trinta e três mil mulheres americanas afirmaram a pesquisadores que preferiam perder de cinco a sete quilos a alcançar qualquer outro objetivo”.

Há registros de que, a maioria dos padrões de beleza impostos atualmente, já existiam na antiguidade, um destes exemplos ocorre no Egito Antigo. Segundo, Cosgrave (2000, pág. 26), “a rainha Nitócris afirmava que as mulheres deveriam banhar-se todas as

manhãs e receber uma massagem diária para manterem-se magras. A pele dos joelhos e cotovelos era esfoliada com uma pedra-pomes”. E ainda acrescenta que “eles inventaram, em forma primitiva, os utensílios para maquiagem que existem hoje”. Essas informações nos fazem crer que a magreza e a maquiagem são dois dos padrões de beleza mais antigos ao qual ainda se fazem ativos na sociedade moderna.

Shmidt e Oliveira (2016) nos falam sobre como ser magra é sinônimo de sucesso:

Emagrecer significa “sucesso social”, “profissional”, “afetivo” e, a não rejeição pela sociedade, que, insuflada pela mídia insurge-se contra as “mais cheias” como autêntico atentado terrorista. Mídias, passarelas, publicidades, novelas, academias, decretam, movidas pela indústria da beleza que o sucesso é magreza. São tantos famosos comemorando publicamente a perda de gordura que é quase impossível impedir que tais “sucessos” repercutam em quem está susceptível à pressão por um corpo perfeito (SHMIDT E OLIVEIRA, 2016, p. 5).

Portanto, padrões de beleza sempre existiram em diversas formas ao longo da história, sendo a maioria ditados pela sociedade da época, influenciando todas as pessoas ao seu redor, alguns padrões trouxeram liberdade e independência à mulher, enquanto outros apenas foram prejudiciais.

2.1 Os Padrões de beleza feminino ao longo da história.

Padrão de beleza é uma expressão que é usada para fazer referência a um modelo de beleza que é considerado ideal em determinado contexto, cultura ou sociedade específicas. Desta forma, José S. (2020, Padrão de beleza) explica:

[...]é uma expressão que se usa para fazer referência a um modelo de beleza que é considerado “ideal” em determinado contexto, [...] cultura ou sociedade específicas. [...]padrões de beleza podem variar de cultura para cultura e, mesmo dentro da mesma cultura, variar com a passagem do tempo. O que é considerado belo em uma época pode não ser considerado em outra. [...] por exemplo, [...] estilos de roupas e penteados, [...] ou[...] determinados tipos físicos foram mais ou menos valorizados em determinados momentos. (S, JOSÉ, 2020.)

Naomi Wolf, (1992, p. 17) considera que as qualidades que um período considera bela, são apenas símbolos do comportamento que o mesmo determina como desejável, explica ela que, “a juventude e a virgindade foram “bonitas” nas mulheres por representarem a ignorância sexual e a falta de experiência. O envelhecimento na mulher é “feio” porque as mulheres adquirem poder com o passar do tempo [...]”.

Desta forma, para Caron (2006, p. 2) a mídia tem grande influência sobre os padrões, pois “apesar do movimento feminista, a mídia dirigida às mulheres ainda constrói mensagens de: “feche a boca, faça uma plástica e vá malhar”, jogam com as inseguranças e incertezas humanas, projetando ideais impossíveis de juventude e beleza conquistada graças à indústria cosmética, estética e da moda).”

Ademais, segundo Lipovetsky (1989, p. 33) “a novidade tornou-se fonte de valor mundano, marca de excelência social; é preciso seguir “o que se faz” de novo e adotar as últimas mudanças do momento”. Assim, entende-se que as mudanças nos padrões de beleza faz parte dessas mudanças cíclicas do momento de terminada sociedade e cultura.

Caron (2006) comenta sobre a influência das mídias sob a mulher:

A insatisfação das mulheres perante o próprio corpo e o seu desenvolvimento natural – viciadas em uma imagem irreal que lhes é imposta pela publicidade, pela moda, pela indústria cosmética e ideologia dominante, as mulheres de há 10 anos (como as de hoje) vivem insatisfeitas com as suas proporções harmoniosas (grotescas quando comparadas com as silhuetas subnutridas de modelos e atrizes cujos corpos em média apresentam valores inferiores em 25% ao que seria natural e saudável num corpo feminino” (CARON, 2006, p. 4)

Os padrões de beleza estão ligados com a moda, pelo fato de que além dos critérios estilísticos, a moda se baseia em precisos parâmetros de gostos e consumos em sofisticados procedimentos e estratégias empresariais, comerciais e de imagem, em profundo conhecimento das transformações e das tendências culturais e sociais em curso (SORCINELLI, 2008).

Battistelli (2008, p. 78) cita a famosa definição de Simmel e sua teoria do gotejamento:

A moda é a modificação obrigatória do gosto. [...] apresenta a primeira implicação dessa modificação com uma teoria, que ficou famosa como a teoria do gotejamento. A classe dominante adota [...] roupas, objetos e modelos para distinguir-se, mas as classes subalternas adotam essas mesmas modas para se assemelharem à classe superior, e assim as modas vão passando de classe em classe. O paradoxo [...] em tal mudança inexorável: uma moda é adotada para fins de diferenciação, mas por isso mesmo se difunde e consegue o resultado oposto – a assimilação – e, portanto, queima a si mesma, condenando-se à reinvenção (BATTISTELLI, 2008, p. 78).

Porém, logo após, se auto rebate com o pensamento de Volli, de que não é possível falar da teoria do gotejamento em uma sociedade que não apresenta estrutura piramidal, onde a moda pode surgir de quaisquer dos pontos do sistema e se tornar propagável por conta da

contiguidade, sendo dificilmente previsível e programável. (BATTISTELLI, 2008 apud VOLLI).

Palomino (2002, p. 14) vê a moda como um “sistema que acompanha o vestuário e o tempo, que integra o simples uso das roupas do dia-a-dia como um contexto maior, político, social e sociológico.” Desta forma, Lipovetsky (1989) complementa Palomino (2002) ao afirmar que o gosto pelas novidades se torna um princípio constante, regular, e que não há sistema de moda se não houver desejo.

Conceituando a moda, Marnie Fogg (2013, pág. 8) explica o significado principal da mesma:

[...]o termo ‘moda’ passou a expressar valores tão diversos como conformidade e relações sociais, rebelião e excentricidade, aspiração social e status, sedução e encanto. O desejo de se vestir com elegância transcende as fronteiras históricas, culturais e geográficas, e embora forma e conteúdo possam variar, a motivação permanece a mesma: o adorno do corpo humano como expressão de identidade. (FOGG, 2013, p. 8)

Ao mesmo tempo em que a roupa expressa nossa identidade, entre o Medievo e a Idade Moderna, segundo Muzzarelli (2008, p. 24) elas já “indicavam privilégio, marcavam distâncias sociais, serviam para proteger do frio e funcionavam também como dinheiro vivo.”

A roupa também comunicava gênero, sexo, faixa etária, estilo, postura cultural e até mesmo a participação em um grupo juvenil. Seus significados são tidos como “valores”, por exemplo, “a confiabilidade” é algo que nunca poderá ser negligenciado nas vestes de um advogado. Ao escolhermos o modo a que nos vestimos e comportamos, estaremos seguindo ou infringindo as regras sociais, que mesmo inconscientes, sempre nos relacionamos com elas e essa relação exprime a nossa individualidade para a sociedade (PRONI, 2008).

O padrão de beleza desde tempos atrás faz parte estrutural da sociedade, na Grécia Antiga as mulheres utilizavam-se de faixas de tecido enroladas no busto para diminuir o tamanho dos seios, sobancelhas grossas e unidas eram apreciadas ao mesmo tempo em que faziam uso de cremes depilatórios no restante do corpo com o intuito de deixar a pele mais suave. Embora usassem pouca maquiagem, as que eram usadas na pele eram extremamente tóxicas, pois eram feitas de chumbo, podendo ser até mesmo fatal, afirma Cosgrave (2000).

Nesta perspectiva, a mulher ocupava posições submissas ditadas pela sociedade e cultura da época. O casamento não era escolha das mulheres, baseava-se em um acordo entre os pais dos noivos. Suas principais obrigações eram criar os filhos e fornecer comida e roupa. Mesmo as rainhas exerciam a função da tecelagem, assim como todas as outras, além de possuírem a tarefa de banharem seus maridos. Para as mulheres de classe alta era permitido

interagir com os homens, mas não lhes era concedido a liberdade de ir ao teatro ou ao ginásio (COSGRAVE, 2000).

Em 1512, em Gênova e Milão, e em 1520 em Roma, as mulheres foram proibidas de usufruir de decotes profundos. B. Varchi (1512) um historiador do século XVI relata como eram as roupas após 1512:

Não há dúvida de que, depois de 1512, a maneira de se vestir, tanto nos homens quanto nas mulheres, não ganhou muito em elegância e graça; não se usam mais grandes *saies*, uma espécie de prega, com frentes pequenas e mangas largas, nem aqueles barretes com debruntes revirados até em cima, nem aqueles sapatinhos com salto ridículos. O manto é preto em geral.

Os gostos e os tipos físicos se modificaram, os italianos começam a apreciar as mulheres com formas mais avantajadas e curvilíneas. O retrato de cerimônia do final do século atesta o lugar que a mulher ocupa na sociedade. (BOUCHER *apud* VARCHI, 1965).

Em 1628, Willian Harvey descobriu a circulação sanguínea, sua descoberta fez com que gerassem debates sobre o a influência do espartilho no corpo feminino, pois muitas mulheres reclamaram de dor, levando à extinção dos fixadores de metal ou madeira utilizados na confecção das roupas. A linha da cintura feminina subiu até alcançar o corpete e o espartilho ainda era usado, porém mais curto, as anquinhas sumiram, dando lugar à anáguas e suportes utilizados nas saias (COSGRAVE, 2000).

De acordo com Fogg (2013), na década de 1660, *o grand habit* feminino, vestimenta padrão mais utilizada na época, é constituído por um corpete, uma saia e uma cauda, o corpete era sustentado por barbatanas feitas de barbatanas de baleia e comprimia as mulheres, deixando o busto exposto e forçando os ombros para trás, tornando-se menos apropriado para integrantes rechonchudas da corte do rei Luís. A saia era sustentada por anquinhas feitas de barbatanas de baleia, hastes de salgueiro ou metal e recheados com tecidos mais rígidos. A cauda significava distinção social, a rainha possuía o direito de usar caudas longa, enquanto suas damas de companhia poderiam utiliza-las mais curtas, as mulheres mais jovens faziam uso de cores como dourado e prateado e as mais velhas usavam preto.

No século XIX, as mulheres passaram a ter mais oportunidades, as universidades públicas passaram a aceitar mulheres, a indústria têxtil era um grande empregador de mão-de-obra, embora o salário fosse pouco e acabasse fazendo muitas mulheres se prostituírem. Nesta lógica, as mulheres começaram a praticar esportes como andar de bicicleta, nadar e esgrima.

Algumas mulheres faziam uso de calções nestes momentos. George Sand³, pseudônimo utilizado por Aurora Dupin, baronesa Dudevant, colocou em prática suas teorias sobre emancipação feminina, fazendo o uso de trajes masculinos. Participante fiel dos acontecimentos políticos de 1848, foi a grande exceção da época, fumava cigarros, vestia calças, sobretudos e botas com travas. Neste século, as mulheres ganharam o símbolo de *status* e troféu para os homens. Josefina Bonaparte, viúva de seu primeiro marido, embora se vestisse muito bem, era coberta de dívidas e apenas após conhecer Napoleão e tornar-se sua esposa e Imperatriz da França, foi considerada embaixatriz da elegância, também foi revolucionária para a moda, tornou o branco popular de novo, enfeites em pele e xales (COSGRAVE, 2000).

A partir dos anos 1900, a silhueta fica mais leve, cintura menos marcada e algumas modas foram relançadas. Neste contexto, Boucher (1965) aduz que, a cauda e a gola saem do vestuário feminino, a saia modelando o quadril vai até o chão, blusas com gola bem alta, mangas evasês do punho ao cotovelo, a linha corporal é espartilhada, com a frente reta e as costas bem cintadas. Cabelos altos com chapéus. Em 1910, a linha “cintada” sai de moda e a cintura sobe novamente juntamente à modelagem reta.

Em 1916, Gabrielle Bonheur Chanel ou “Coco”, cria um terno de três peças que proporcionava maior mobilidade e conforto às mulheres ativas na sociedade, composto por cardigã com bolsos chapados, saias e suéter, eram confeccionados de tecido de jérsei. (FOGG, 2013).

A década 1920 ficou conhecido como ‘anos loucos’ devido ao boom econômico e a urbanização atingindo seu auge, ficou marcado também pelo consumismo e o lazer. Mulheres dos dois lados do Atlântico receberam o direito do voto. As pernas, antes cobertas, foram desnudas, sendo muito criticadas pela Igreja em toda a Europa e os EUA. As saias, por estarem mais curtas e necessitarem de menos tecido, prejudicaram os fabricantes de tecidos, levando muitos à falência. (STEVENSON, 2011). Palomino (2002), nos conta que o novo ideal feminino era a mulher sexualmente liberada, usando corte de cabelos curtos, fumante e masculina. Batom aplicado com os dedos era o ideal de beleza obrigatório.

Na década de 1930, a moda feminina voltou ao espírito sedutor e as curvas femininas foram, novamente, estabelecidas. O anseio do momento era o luxo, glamour. O cinema foi um grande propulsor da moda ao mesmo tempo em que zombava da mesma e seus exageros, os transatlânticos mostrados nos filmes com suas decorações e esbanjamento de luxo da moda,

³ Fonte: <<https://educacao.uol.com.br/biografias/george-sand.htm>>

fizeram com que as viagens se tornassem uma obsessão à todos. Um *tailleur* ainda era uma peça indispensável, utilizados em atividades diurnas formais. O glamour das telas fez com que as mulheres dedicassem muito mais tempo à cuidados com a beleza. Costas de fora, pele bronzeada, roupas frente-única, os ombros largos, a cintura fina e marcada foram grandes ideais da década. Na metade dos anos 30, as calças largas foram aceitas como traje informal no dia-dia das mulheres. (STEVENSON, 2011)

A Segunda Guerra Mundial, ocorrida de 1939 – 1945, exigiu novos posicionamentos da mulher, fazendo com que as roupas se tornassem mais simples e com aspectos funcionais, como as fendas inseridas nas saias para que as mulheres pudessem andar de bicicleta. O racionamento de tecidos impôs regras no consumo têxtil, sendo proibido gastar mais de 4 metros para o mantô e um metro para as camisas. A viscose, por ser um tecido sintético se popularizou rapidamente. Após a guerra o *New Look*, de Christian Dior se popularizou. (PALOMINO, 2002)

A ideia de Dior de usar 15m para um vestido diurno e 25m para o noturno, reestabeleceu Paris como capital da moda pós guerra. Os modelos de Christian utilizavam-se de modeladores de cintura, tendo o quadril acolchoado (STEVENSON, 2011).

Por fim, percebe que a moda e as roupas sofreram transformações ao longo do tempo e acompanharam as mudanças e os fenômenos sociais. Além disso, o padrão de beleza também teve diferentes alterações durante as décadas de acordo com a evolução da sociedade.

3 Moda e padrão de beleza nas décadas de 1950, 1960 e 1970.

Para Crane (2006, p. 29), a moda no século XIX “consistia num padrão bem definido de apresentação largamente adotado”, enquanto a moda contemporânea é “mais ambígua e multifacetada, em concordância com a natureza altamente fragmentada das sociedades pós-industriais.”

Calanca (2011, p. 45) comenta o fato sobre muitos conservadores antigos acharem que a moda é a “expressão máxima de decadência dos costumes”, acrescentando que “novos estilos e formas abrem caminho [...] não somente a novas roupas, mas, sobretudo, a um novo modo de conceber a vida, a religião e a ética.”

Em contrapartida, Crane (2006) argumenta que as roupas possuem uma importância muito maior:

[...] sendo uma das mais evidentes marcas de status social e de gênero [...], o vestuário constitui uma indicação de como as pessoas, em diferentes épocas, veem sua posição nas estruturas sociais e negociam as fronteiras de status. [...] As roupas como artefatos,

‘criam’ comportamentos por sua capacidade de impor identidades sociais e permitir que as pessoas afirmem identidades sociais latentes (CRANE, 2006, p. 21).

Os anos 50 foram onde o conceito de “ditadura da moda” teve o seu ápice, como Palomino (2002) nos expõe.

Segundo Vigarello (2006, p. 171) foram o hedonismo e o lazer que marcaram as décadas de 1950-1960, “sobretudo, o consumo, desarrumando o conjunto do universo estético: modelos mais numerosos, mais acessíveis também, mais concretizáveis do que nunca [...]. O corpo se tornou ‘nosso mais belo objeto de consumo’”.

Sendo muito influenciadas por filmes e suas celebridades, Vigarello (2006, p. 172-173) observa que a fama e personagens de Brigitte Bardot, atriz e ativista francesa, fizeram com que as mulheres, ao imitarem a mesma, com “seus lábios de criança amuada, os pulôver colados [...], o caminhar em ‘espiral’ têm a sensação de renovar o registro estético”, introduzindo “uma nova visão do desejo feminino e de sua liberdade, visão nova também da conquista estética, [...] mais natural.”

Em contrapartida, Stevenson (2011, p. 154) expõe o fato de que “durante a guerra, as transmissões de televisão haviam sido suspensas ou submetidas a severas restrições”, e, quando retornaram, exibiam “mulheres vestidas de maneira impecável em todos os momentos.”

Após a guerra, as mulheres necessitaram de retomar os seus papéis tradicionais de dona de casa. As roupas, com sua extrema feminilidade pareciam de bonecas, segundo Stevenson (2011, p. 152) com um gosto predominantemente “muito colorido, [...], florais estampados horizontalmente, tafetá, cetim, laços e babados”. Após a guerra, as movimentações nos balneários agitou a moda, levando a um novo guarda-roupa de férias, as roupas de praia.

O jeans se tornou uniforme dos jovens quando a rebeldia do filme “O Apanhador no campo de centeio” ganhou suas imaginações, juntamente ao *rock and roll*. Marilyn Monroe também vestiu jeans em um de seus filmes. Em 1950, os jeans possuíam corte reto ou boca alargada para acomodar as botas e os jeans cintura alta eram apertados com o auxílio de um cinto. (STEVENSON, 2011).

Os anos 50 ficaram conhecidos como “anos dourados” pelo fato de serem repleto de glamour, as roupas tinham um ar de romantismo e feminilidade e as mulheres eram bem vaidosas, tendo como seu maior sonho, casar, ter filhos e se tornar uma ótima dona de casa. Silhueta marcada, saias rodadas e volumosas eram o auge da vestimenta. Os chapéus, acessórios predominante da época, juntamente às luvas, eram considerados símbolos de muita elegância, embora a maioria fosse simples. Salto alto, joias, lenços amarrados no pescoço e maquiagem eram o padrão de beleza no momento. (BRANDÃO, 2012)

A maquiagem, composta por rímel, batom e sobrancelhas muito bem marcadas, fazia conjunto com os penteados em coque ou rabo de cavalo, tendo como maiores musas influenciadoras de comportamento e estilo, Marilyn Monroe e Brigitte Bardot. (AZEVEDO, 2019).

Na década de 60, a pílula anticoncepcional concedeu às mulheres maior independência e liberdade. Em todos os países do mundo, entre 1945 e 1965, a taxa de natalidade foi bem maior do que antes da guerra. Pela primeira vez, os jovens foram considerados uma categoria à parte, pois nunca haviam criado roupas a não ser para adultos. Como forma de demonstrar seu desagrado com a sociedade imersa em consumo à qual viviam, adotaram o traje das classes mais baixas: jeans, gravata e jaqueta. As mulheres que foram emancipadas e ganharam seu direito de voto, começam a assumir responsabilidades sociais e querem igualmente ser donas de seu corpo, adotando a calça jeans para todas as horas do dia. (BOUCHER, 1965).

Além da pílula, os movimentos estudantis, os hippies e os movimentos femininos e o Festival de Woodstock serviram para mostrar que os tempos de antes de 1960, já não voltariam mais. Com o intuito de espalhar paz, liberdade e flores, o movimento hippie se espalhou pelo mundo todo, tendo como objetivo que as pessoas renunciassem o materialismo e o mundo fosse reorganizado. Roupas feitas em casa, customizadas ou compradas em brechó eram utilizadas pelos mesmos, alguns, até mesmo improvisavam calças bocas de sino abrindo as laterais das mesmas e inserindo retalhos nos espaços vazios. (CALEGARI, 2017)

Os jovens tornaram-se decisivos para o comércio e a indústria. Tudo passou a ser libertação e revolução, com os jovens negando o sistema, o movimento dos mesmos acabou recebendo o nome de Youthquake. (STEVENSON, 2011).

Jovens com jaquetas de couro, topetes e calças jeans e andando em lambretas eram considerados *símbolo* de rebeldia ingênua. As mulheres começaram a usar calças cigarretes na altura do tornozelo. A única coisa que influenciava as pessoas a se vestirem agora, era o seu comportamento. As roupas de linhas retas, minissaias, botas brancas, roupas espaciais, metálicas e fluorescentes eram o marco da década, juntamente ao vestido tubinho de Yves Saint Laurent. A moda unissex fez sucesso, principalmente nos jeans e camisas sem gola. Pela primeira vez, a mulher começou a usar smoking. O smoking foi criado para as mulheres por Yves Saint Laurent, em 1966. Enquanto na maquiagem os olhos continuavam bem delineados e destacados, os lábios vermelhos deram lugar aos tons mais claros e suaves. (BRANDÃO, 2014.)

A primeira metade dos anos 70 foram uma continuação do vestuário dos anos 60, os costureiros passaram a ter ideias inovadoras para permitir que o sistema funcionasse também

para os mais jovens. Com a facilidade de viajar, as perspectivas de design foram ampliadas significativamente. A moda ligou-se à indústria da música. (STEVENSON, 2011).

O movimento hippie ficou muito famoso nesta década por conta do Festival de música Woodstock, em 1969, trazendo as calças boca de sino, estampas, batas, cabelos longos e barba para as ruas das cidades, porém, o movimento punk, ao qual ganhou muito prestígio também, trouxe calças rasgadas, rebites, alfinetes, jaquetas de couro e cabelos com cores e formas diferentes. (RATIS, 2019.) Foi um comportamento coletivo de contracultura com surgimento em 1966, nos Estados Unidos com maior concentração de jovens em São Francisco. Eram norte-americanos de classe média, a maioria entre 17 e 25 anos, que resolveram contestar os valores que seus pais acreditavam. (FERRAZ, 2021)

Segundo Naomi Wolff (1992, p. 179) “a cena *punk* começou a glorificar o sadomasoquismo⁴ e muitas das meninas utilizavam “alfinetes de fraldas na orelhas, pintavam os lábios de um azul e rasgavam as roupas para sugerir embates sexuais”.

As roupas estavam cobertas de glitter, texturas, estampas, neon e botas plataforma, consequência do movimento *Glam Rock*, ao quais os pioneiros foram David Bowie, Marc Bola, Lou Reed e Alice Cooper, tornando-se o primeiro movimento da moda inclusivo e com zero barreiras. (RATIS, 2019)

Ratis (2019) afirma que a discoteca foi quem deu voz “a comunidade negra, aos pobres, aos gays, *drag queens* e todos os outros grupos sociais que viviam oprimidos”, trazendo como seu traje principal “camisas e vestidos de poliéster, plataformas, *bodys* coloridos, estampas, calças boca de sino, mini shorts e muitas cores”.

Naomi Wolf (1992, p. 177) nos conta que a década de 1970 “ergueu as mulheres a posições de poder.” A partir do ponto em que as mulheres ingressaram na força de trabalho e ficaram por dentro dos movimentos feministas, “a natureza do que as mulheres desejariam passou a ser uma questão séria e uma grave ameaça”.

Em 1972, a escritora Gloria Steinem publicou *Ms*, uma revista com objetivo de informar sobre a igualdade de direitos das mulheres e em 1979, pela primeira vez uma mulher ocupou o cargo de primeira ministra-britânica, Margaret Thatcher, sendo a política mais dinâmica do século (COSGRAVE, 2000).

⁴ Sadomasoquismo: Perversão sexual em que o sadismo surge associado ao masoquismo. Prazer em fazer ou em ver sofrer alguém combinado com o prazer de sofrer. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/sadomasoquismo>> Acesso em 29 de nov. 2021.

4 Análise: Padrões estéticos e posições sociais ao longo dos anos 50, 60 e 70.

Neste capítulo analisaremos as respostas obtidas através de uma pesquisa realizada com a participação de 12 mulheres, com idade entre 50 e 85 anos de idade às quais viveram sua adolescência nas décadas de 50, 60 e 70 anos. A pesquisa foi realizada de forma on-line, via whatsapp, por meio ligações telefônicas e presencialmente. O método de pesquisa proposto embasa-se no contexto qualitativo de descrição, com tipo de pesquisa de análise de dados e técnica de pesquisa de estudo de caso desenvolvido através de um questionário aberto, onde as entrevistadas responderam conforme lembranças pessoais. As 8 questões elaboradas para o presente estudo tratam de assuntos como: tendências de moda, liberdade feminina, marcos históricos e pessoais e ícones de beleza da década.

4.1 Tendências dos anos de 1950, 1960 e 1970

O presente pesquisa inicia-se questionando as participantes sobre a seguinte questão: Quais eram as tendências de moda da sua época? Deste modo, entender as tendências da época é fundamental importância para identificarmos se as entrevistadas fazem parte do padrão de beleza instituído em suas respectivas décadas. Crane (2006, p. 25) explica que após a industrialização das sociedades ocidentais, “a estratificação social no vestuário se transformou”, afirmando que a “expressão de classe e gênero passou a ter prioridade sobre a comunicação de outros tipos de comunicação social”.

Nesta perspectiva, as entrevistadas pertencentes ao anos 50 afirmam que as tendências da época eram roupas coloridas, sapatos baixos e saias godê abaixo do joelho, essas foram as respostas predominantes. Em contrapartida, apenas uma entrevistada alegou que não fez uso da moda da época, por conta de sua condição financeira, usava muito uniforme. Saias rodadas de feltro, com estampas mexicanas e cardigãs com detalhes em bordados ou pedrarias trazem um ar jovial e casual à mulher. Após a guerra, a escassez de cosméticos havia acabado, a beleza se tornou assunto de importância na década.

Figura 1: Padrão de beleza do ano de 1950.



Fonte: Pinterest.⁵

Nos anos 60, as tendências, segundo a primeira entrevistada, eram as calças com modelagens boca de sino. Já, a segunda participante relembra que outros ícones da época eram o vestido tubinho, peça com modelagem ajustada no corpo e comprimento na altura do Joelho, e a saia plissê, que possuía um efeito sanfonado e comprimento midi, acima da canela. Além disso, a terceira conta que usava as roupas feitas pela mãe, a quarta não tem recordações sobre as roupas utilizadas. Lipovetsky (1992, p. 127) nos conta que o jeans foi adotado pelos jovens e que “a inclinação pelo jeans antecipou, [...] a irrupção da contracultura e da contestação generalizada do final dos anos 1960 e ainda acrescenta que, por ser fundado na cultura do culto ao corpo, o mesmo está “longe de ser uniformizante pois sublinha de perto a forma do corpo,

⁵ Disponível em: <https://www.pinterest.pt/pin/60446819990655480/> Acessado em 30 de nov. 2021.

valoriza os quadris, o comprimento das pernas, as nádegas e que por este motivo desenha o que há de singular na individualidade física” E é a partir de 1960 que o prêt-à-porter, produção em massa pronta para vestir, traz roupas voltadas à audácia, juventude e as novidades, como por exemplo, a estilista Mary Quant, à qual em 1963 trouxe as minissaias para o vestuário feminino. (LIPOVETSKY, 1992). Nesta lógica, Ratis, (2019)¹ explica que as minissaias possuíam o significado de “propósito social de libertação do corpo e dos direitos das mulheres.

Figura 2: Padrão de beleza do ano de 1960

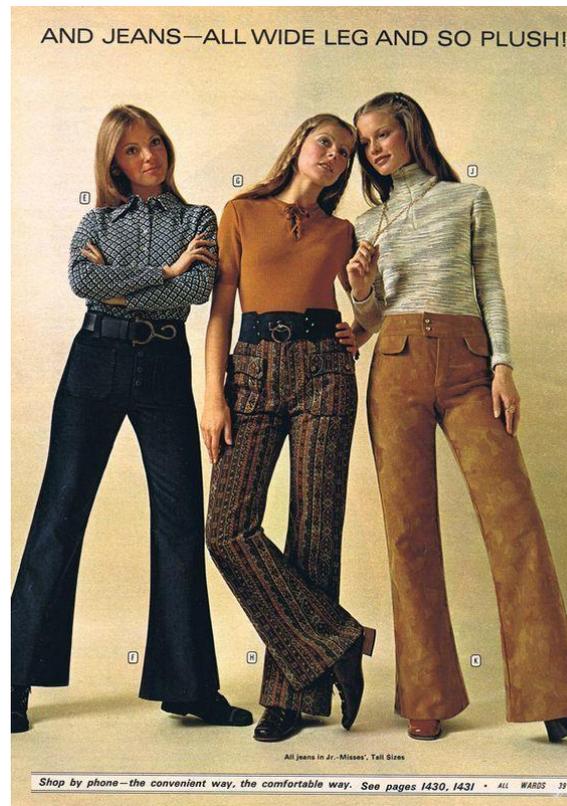


Fonte: Blog da Mari Calegari ⁶

Nos anos 70, as calças com modelagens pantalonas, com as pernas largas e amplas, e as mini saias estiveram nas respostas de quatro entrevistadas de forma unânime. A quarta entrevista, entretanto, citou também as blusas amplas em formatos de batas coloridas com estampas que faziam referência a cultura indiana, enquanto a primeira componente lembrou os sapatos de salto plataforma. Isso se deve ao fato de que a primeira metade dos anos 70 foram a continuação das tendências dos anos 60, como nos conta Stevenson (2011). Calegari (2017)¹ traz à tona o fato de que muitas calças bocas de sinos eram feitas em casa, através de aberturas laterais com remendos de jeans. Segundo Ferraz, (2021)¹, homens e mulheres usavam as batas indianas como “apego a culturas distantes deste mundo massificado e corrompido pela guerra e pela sociedade de consumo”.

⁶ Disponível em: <[Blog da Mari Calegari História da Moda 1960 a 1970 - Blog da Mari Calegari](#)> Acessado em 30 de nov. 2021.

Figura 3: Padrão de Beleza ano de 1970



Fonte: Pinterest⁷

Nesta senda, observa-se que a moda dos anos de 1950 foi bem distinta das tendências usadas nas décadas de 1960 e 1970, que foram basicamente a mesma por darem continuidade a um mesmo padrão. Enquanto nos anos 50 a elegância era prioridade, nos 60 e 70 a liberdade e conforto que dominavam.

Para mais, a segunda questão a ser levantada questiona se as participantes já fizeram uso de alguma das tendências de moda? Qual? Desta forma, a resposta foi consonante, tanto nos anos 50, quanto nos anos 60 e 70, todas as 4 entrevistadas fizeram uso das tendências citadas na questão anterior. Crane (2006, p. 37) nos afirma que a “variedade de opção de estilos de vida disponíveis na sociedade contemporânea liberta o indivíduo da tradição lhe permitindo fazer escolhas que criem uma auto identidade significativa”. Ou seja, a grande motivação do consumidor na intenção de adotar algum estilo, é baseada no fato de que sua identificação com

⁷ Disponível em: <<https://www.pinterest.pt/pin/316307573833735299/>> Acessado em: 30 de nov. 2021

grupos sociais sejam priorizados, através de seus bens de consumo, sem medo de serem penalizados pela não conformidade. (CRANE, 2006)

Por fim, nota-se que a grande parte das entrevistadas seguiram os padrões de tendências estabelecidos pela época. Já as participantes que não aderiram ao modismo imposto não possuíam condições financeiras para acompanhar as mudanças no mercado do consumo e optavam por peças feitas em casa com modelagens mais básicas.

4.1.2 Padrão de Beleza das décadas de 1950, 1960 e 1970.

Seguindo a pesquisa, buscou-se entender os padrões de beleza das décadas em estudo. Nesta lógica, objetiva-se compreender o modelo de beleza que é considerado ideal em determinado contexto, cultura e nas sociedades em específicos. De acordo com José (2020), padrões de beleza podem variar de cultura para cultura e, mesmo dentro da mesma cultura, variar com a passagem do tempo. O que é considerado belo em uma época pode não ser considerado em outra.

Assim, as participantes foram questionadas sobre qual padrão de beleza foi o marcante em sua década? E se elas consideravam-se adequadas ao padrão estético da época? Nesta lógica, as integrantes do grupo de 1950 quando questionadas responderam de formas distintas, mas que se completavam. A primeira entrevistada citou que o estereótipo da época eram pernas grossas e seios naturais, valorizando a feminilidade e leves curvas. Já, a segunda participante nos trouxe os cabelos compridos como um símbolo do padrão de beleza da época. Em contrapartida, a terceira representante relembra o uso de maquiagem e tiaras como padrão de beleza. E, por fim, a quarta integrante afirma não se recordar desta década. Porém, de forma unânime todas se consideravam dentro dos padrões ditados pelo contexto cultural em que viviam.

Neste contexto, observa-se diante dos relatos das entrevistadas que até a década de 50, a figura corporal feminina se materializava por seu corpo voluptuoso, sua cintura fina juntamente aos seios fartos e empinados e seu rosto angelical (BRITO MOTA, 2006). A silhueta da mulher desta década era moldada com ajuda de acessórios como sutiãs acolchoados para levantar ou separar os seios, espartilhos alongados para auxiliar na obtenção da silhueta exigida para vestir as saias lápis da época. Nos olhos, um traço de delineador juntamente a sobrancelhas desenhadas por lápis e alongadas. O batom vermelho ainda era o preferido das mulheres. (STEVENSON, 2011).

Figura 4: Marilyn Monroe

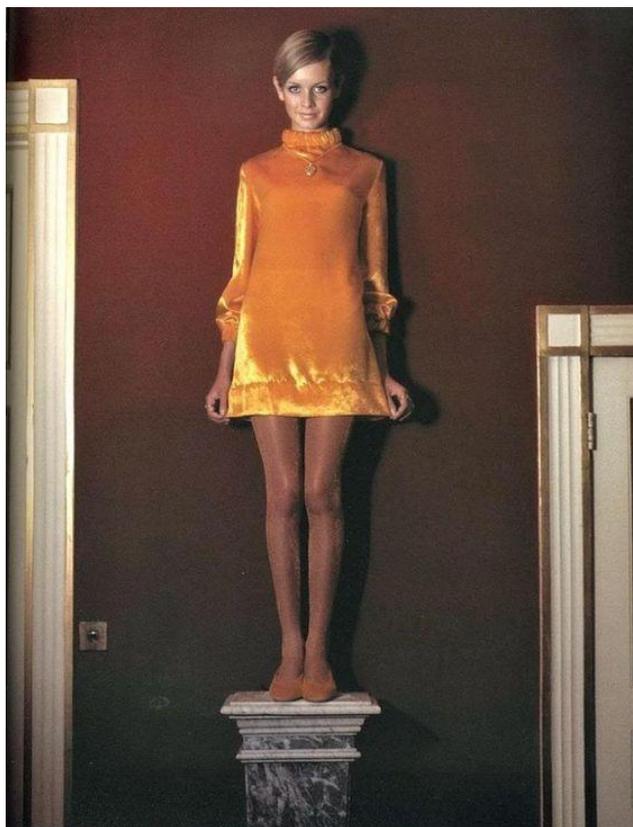
Fonte: Pinterest.⁸

Em 1960, a primeira entrevistada recorda que não seguia os padrões por questões financeiras, pois não podia arrumar o cabelo como os padrões da época. A segunda entrevistada cita o padrão corporal mediano, com leve curvas, por conta da alimentação que eram mais saudável do que atualmente. A terceira participante cita os cabelos longos desganhados dos hippies e a quarta integrante cita o corpo natural, sem modificações. Desta forma, observa-se que todos os relatos se encaixavam no mesmo parâmetro, no qual o corpo natural com leve curvas era considerado símbolo de beleza da época, juntamente com cabelos longos. A partir dos anos 60, a figura da modelo Twiggy⁹, embora magra, era uma beleza considerada andrógina por alguns e infantil por outros, o corpo magro, retilíneo, com os seios pequenos e os quadris estreitos, acabou por transformar-se no padrão da década. (RATIS, 2019)

⁸ Disponível em: < <https://www.pinterest.pt/pin/608971180859916897/> > Acessado em 30 de nov. 2021.

⁹ Twiggy: modelo, atriz e cantora britânica. Considerada uma das primeiras supermodelos do mundo, sua imagem quase andrógina, macérrima, pequena, com cabelos loiros muito curtos e imensos olhos realçados com camadas de rímel e cílios postiços, a tornaram um ícone da moda e de estilo dos anos 60. Disponível em: < <https://pt.wikipedia.org/wiki/Twiggy> > Acessado em 29 de nov. 2021.

Figura 5: Modelo Twiggy



Fonte: Pinterest.¹⁰

Nos anos 70, entretanto, as respostas foram equilibradas, duas das entrevistadas afirmaram que o corpo predominante era o corpo curvilíneo. Outras duas participantes citam o corpo magro com seios fartos, alegando que não se encaixavam no mesmo, pois eram mais cheinhas. Portanto, o corpo curvilíneo, embora magro, com seios fartos eram o padrão estipulado na década de 70. Como explica Ratis (2019), em 1970, introduziu-se, com o culto ao corpo, um universo social onde a aparência passa a ser priorizada.

¹⁰ Disponível em: < https://www.pinterest.pt/pin/AWhfg3FgRm0oUNXcn5vAhTHNpbZu7BJ6O_mzlgVEwjl-At7CLO8fZUG/> Acessado em 30 de nov. 2021

Figura 6: Modelos em 1970



Fonte: Pinterest.¹¹

Ademais, questionou-se também sobre qual opinião das entrevistadas sobre a quebra de padrões estéticos, e por que essa ruptura se faz necessária. Assim, em uniformidade e concordância todas as entrevistadas das respectivas épocas, anos 50, 60 e 70, alegam que acham a quebra dos padrões importantes. As explicações se dirigem ao fato de que, para elas, todas devem se aceitar como são. A moda sempre possuiu um poder para ditar regras femininas, as maneiras de se vestir são motivadas socialmente. Embora no século XIX a moda fosse conservadora, sendo acatada e aceita pelas mulheres, no século XX, no período de 1920 e 1960, ela acabou por revelar-se progressista para as mulheres, tomando as mudanças ocorridas em

¹¹ Disponível em: < <https://www.pinterest.pt/pin/148689225183640656/> > Acessado em: 30 de nov. 2021.

seus papéis sociais e no restante da sociedade como o estopim para reformular sua aparência em concordância com os mesmos. (CRANE, 2006).

Além disso, Wolf (1992, p. 178) ressalta a informação de que alguns debates sobre obscenidade “não tratam do mal causado às mulheres pela forma em que a beleza se une às convenções pornográficas na propaganda, na fotografia de moda, na televisão a cabo, afetando mulheres e crianças”. Corroborando com a autora, Caron (2006, p.4) afirma que a moda “está ligada [...] na construção do corpo, e [...] sempre foi definida de acordo com o contexto de cada época”. Wolff (1992, p. 11) afirma que quanto mais “obstáculos legais e materiais vencidos pelas mulheres, mais rígidas, pesadas e cruéis foram as imagens da beleza feminina” impostas sobre as mesmas.

4.1.3 Cultura, sociedade e posição social nos anos de 1950, 1960 e 1970.

Para além dos padrões estético de beleza das décadas em análise, buscou-se analisar o contexto social e cultural no qual essas mulheres estavam inseridas. Em 1950, o otimismo e esperança se faziam mais do que presentes com a economia sendo reestabelecida após a Segunda Guerra Mundial, após terem passado por racionamento de tecido durante a mesma, as mulheres se exibiam cada vez mais femininas e delicadas, esbanjando luxo e sofisticação com grandes quantidades de tecidos (AZEVEDO, 2019). Nesta senda, em 1960 e 1970, o sonho era o fim da ditadura e a implantação de um regime marxista no Brasil (AZEVEDO, 2019).

Nesta perspectiva, buscou-se entender qual foi o marco histórico que mais impactou as entrevistadas no contexto em que viviam. Três das entrevistadas dos anos 50 responderam que: o fim da Segunda Guerra Mundial, início da ditadura e a punição que uma mulher recebia, de seu pai, por usar roupas que mostrassem os joelhos. No final do século XX, usar um look inteiramente masculinizado não era permitido à mulheres de negócio ou que estavam inseridas no mercado profissional, esperando que mantivessem elementos de feminilidade em seus trajes de trabalho. Foi apenas em 1972, que o Congresso acabou por alterar o Ato dos Direitos Civis, proibindo a discriminação de gênero por um departamento por parte dos governos estaduais e locais, impulsionando os departamentos de polícia a concederem as mulheres o direito de usarem trajes igualitários aos dos homens, alterando também, mais tarde, o uniforme de maquinistas ferroviárias, enfermeiras e aeromoças (CRANE, 2006). Já a entrevistada de número quatro não lembra de nenhum marco histórico.

Ademais, na década de 1960, as entrevistadas relataram que os marcos históricos mais marcantes foram os tempos da ditadura, o movimento *hippie*, a criação da televisão a cores

e o computador. A tecnologia foi a palavra chave do século XX, surgindo seguidamente inovações como o aeroplano, o cinema, a televisão, o avião a jato, o vídeo, o computador, os aparelhos de fax, o escâner, e a internet. Essas inovações foram responsáveis por aumentar a velocidade do transporte e da comunicação, fazendo com que o conhecimento se tornasse um fenômeno global. (COSGRAVE, 2000).

Nos anos 70, entretanto, uma das entrevistadas lembrou sobre o bronzamento, onde, segundo ela, muitas mulheres utilizavam Coca Cola com manteiga para obter o resultado, ocasionando muitos casos de câncer de pele decorrentes do uso dos mesmos. As outras três participantes, no entanto, alegaram que a morte do cantor Elvis Presley foi um impacto para a época. A maquiagem acabou por tornar-se uma espécie de ritual feminino com objetivo de embelezar-se, ser desejável, encantar, ao mesmo momento em que pinturas são objetos de difamação e reprovação. (LIPOVETSKY, 1992)

Para mais, buscou-se entender se nas décadas em análise era possível distinguir posições sociais pelo modo como outra pessoa se vestia. Assim, nos anos 50, 60 e 70 as respostas também foram unânimes, todas as participantes afirmaram que o tecido utilizado para a confecção dos trajes eram o maior diferenciador social das décadas, juntamente ao locais frequentados e o poder aquisitivo notável dos ricos. A moda, por ser um meio privilegiado da expressão da individualidade das pessoas, ela se torna, tanto quanto signo de expressão, um instrumento de inscrição da diferença e da liberdade de cada indivíduo, ainda que superficial, e na maioria das vezes, de forma tênue. (LIPOVETSKY, 1992). Crane (2006, p. 35) afirma que para alguns estudiosos, a “classe social tem-se tornado menos evidente na sociedade contemporânea do que era antes, particularmente no contexto da política, economia e da família.”

Além disso, buscou-se entender quais as lembranças mais marcantes da época, tanto de experiências pessoais, quanto culturais e sociais. Assim, quando questionadas, as entrevistadas dos anos 50, duas delas alegam que era ir ao cinema era uma lembrança nostálgica e feliz da sua juventude, enquanto as outras duas afirmam não lembram de nada muito significativo. Vigarello (2006, p. 157) nos aponta o fato de que o cinema, com sua vasta reprodutibilidade além dos continentes, aguça, nas mulheres, ainda mais os critérios de “sinais físicos do ar livre, vigilância redobrada da silhueta, precisão da maquiagem [...] e celebração de corpos delicados e bronzeados”. O cinema criou estrelas menos distantes da realidade, dotadas de beleza e um poder de sedução inigualável. Figuras encantadoras destacando-se do comum e criando situações as quais o público pode se identificar. Nos gostos do público, as estrelas de cinema adquiriram um papel de primeiro plano, podendo até mesmo contrariar a

Alta Costura. Na raiz do prêt-à-porter, a democratização dos gostos de moda é trazida pelos ideais individualistas, pela multiplicação das revistas femininas e pelo cinema, juntamente à vontade de viver no presente sendo estimulada pela nova cultura hedonista de moda. O nível de vida, o bem-estar, o lazer e felicidade imediata foram elevados, acarretando, por fim, a última etapa da legitimação e da democratização das paixões de moda. (LIPOVETSKY, 1992).

Nos anos 60, duas das entrevistadas citaram o dia que se casaram como a lembrança mais marcante da década, enquanto outra delas citou os bailes de formatura, a quarta integrante do grupo citou o filme “Sissi”¹² por ter sido de onde veio seu nome. O casamento, assim como festas, presentes, cozinha e cultos religiosos são tradições que possuem uma existência social à qual perduram desde as décadas passadas, mas que, atualmente, não são mais capazes de impor regras de conduta socialmente imperativas. (LIPOVETSKY, 1992)

Já, nos anos 70, duas das entrevistadas citaram o dia de seu casamento como o mais marcante também, a participante três relembra o dia que formou-se no Magistério e a outra citou a famosíssima boneca Suzi¹³ e a TV a cores. Ao referir-se à cultura feminina dos anos '50, Friedan comenta, com pesar, que "nenhuma outra forma de uma mulher ser uma heroína" a não ser "não parando de ter filhos". (WOLF, 1992 *apud* FRIEDAN, 1982).

5 Considerações Finais

Após a realização das interpretações dos diversos significados de moda e padrão de beleza desde a antiguidade até os dias atuais, a presente pesquisa focou-se nas décadas de 1950, 1960 e 1970, onde ocorreram inúmeras mudanças as quais influenciaram e nos auxiliaram no entendimento da moda como ditadora de padrões estéticos e posições sociais por inúmeros acontecimentos marcantes que modificaram, por sua vez, a forma como a mesma seguia. Segunda Guerra Mundial, invenção de novos meios de comunicação, avanços tecnológicos e científicos e protestos são fatores aos quais se fazem presente como os marcos históricos de maior influência sob a moda.

¹² Sissi (1955): A jovem Sissi acompanha sua irmã mais velha durante a recepção ao jovem imperador austro-húngaro Franz Josef, quando seria oficializado o noivado dos dois. Sem saber que Sissi é irmã de sua futura noiva, o imperador se apaixona por ela. Baseado em fatos históricos e com excelente reconstituição de época, Sissi transformou em estrela internacional a atriz Romy Schneider e se tornou um dos filmes mais queridos de todos os tempos. Disponível em: <<https://filmow.com/sissi-t7505/>> Acessado em 29 de nov. 2021.

¹³ Susi é uma boneca brasileira fabricada pela Estrela, em 1966, competindo com a Barbie pela preferência das meninas. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Susi>> Acessado em 29 de nov. 2021.

O desenvolvimento deste projeto possibilitou um aprofundamento no contexto cultural e social da moda das décadas de 1950, 1960 e 1970, gerando o entendimento de como a moda agia como de forma ditadora diretamente na vida da mulher, determinando os padrões estéticos aos quais deveriam se encaixar e posições sociais que eram pertencentes. O método utilizado para responder os objetivos foi o qualitativo de descrição, baseado na pesquisa de análise de dados e técnica de pesquisa de estudo de caso, desenvolvido com o auxílio de um questionário aberto, aos quais foram respondidos com lembranças pessoais das entrevistadas.

Nesta perspectiva, dá-se como concluído de maneira satisfatória o objetivo geral, pois a pesquisa conseguiu compreender que a ditadura da moda se impõe através do cinema, dos meios de comunicação, através do contexto cultural da década, dos movimentos sociais aos quais estão envoltos naquele período, determinando padrões momentâneos de beleza.

Em relação aos objetivos específicos, também se dão concluídos com sucesso, a análise dos padrões estéticos nos trouxe o fato de que, por conta deles, as mulheres acabam se prejudicando física e psicologicamente para se encaixar nos mesmos, recorrendo a métodos não saudáveis para perder peso ou modelar o corpo, quanto ao entendimento da distinção das posições sociais na sociedade da moda, se dão, principalmente pelo *status* e caráter de aparência aos quais o indivíduo apresenta. Roupas e acessórios de materiais mais refinados o colocavam em uma posição social mais elevada, joias, modelagens e comprimento das roupas também importavam.

Através das pesquisas, as respostas obtidas das entrevistadas nos mostram que para a sociedade, a mulher ser feminina ao extremo, seguindo à risca os posicionamentos ditados pela sociedade, como se não houvessem outras ocupações em suas vidas, o casamento, filhos e o trabalho de casa eram seu fardo diário obrigatório, tanto que para a maioria das entrevistadas a lembrança mais marcante de suas vidas, foi o próprio casamento. Em questões de beleza e tendências, algumas entrevistadas possuíam um poder aquisitivo melhor que outras, possibilitando seguirem as tendências de moda e terem a experiência de ir ao cinema, sendo o mesmo, um luxo que as demais não podiam se dar. O cinema, em sua vez, agiu como influenciador de muitos padrões estéticos na década de 50, o padrão corporal, personalidades e até mesmo o jeito de agir se tornaram objetivos para as mulheres, imitando seus jeitos de andar, falar e expressar-se, enquanto em 1960 e 1970, a personalidade rebelde era o que movia os adolescentes, criando movimentos sociais contracultura, como o movimento *hippie*, ao qual a maioria das entrevistadas fez uso das vestimentas características como as pantalonas, batas indianas e calças boca de sino.

Por fim, entende-se que a moda necessita da quebra de seus padrões estéticos pois os mesmos causam malefícios físicos e psicológicos nas mulheres, as quais são o público mais atingido desde a antiguidade, com mudanças constantes e abusivas, sempre tratadas e retratadas com teor sexual ou de fragilidade extrema, entregando casamento, filhos e trabalho de casa como tarefas obrigatórias suas. Logo, este projeto possibilitou à autora entender um assunto ao qual se viveu antigamente e que hoje é motivo de movimentos sociais, dando direitos e liberdade à mulher atual.

Referências.

AZEVEDO, Amanda Maria. **Anos 50**. Disponível em: <<https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/historia/anos-50>> Acessado em: 25 nov. 2021.

BATTISTELLI, Piergiorgio. **A psicologia e a moda**. In: SORCINELLI, Paolo. **Estudar a moda: corpos, vestuário, estratégias**. São Paulo, SENAC São Paulo, 2008. 214 p.

BOUCHER, François. **História do vestuário no ocidente: das origens aos nossos dias**. São Paulo, SP: Cosac Naify, 2010. 477 p.

BRANDÃO, Amanda. **Moda anos 50 – décadas da moda**. Disponível em: <<https://nadafragil.com.br/moda-anos-60-decadas-da-moda/>> Acessado em 25 de set. 2021.

BRANDÃO, Amanda. **Moda anos 60 – décadas da moda**. Disponível em: <<https://nadafragil.com.br/moda-anos-60-decadas-da-moda/>> Acessado em 25 de set. 2021.

BRITO MOTA, Maria Dolores de. **De Vênus a Kate Moss: reflexões sobre o corpo, beleza e relações de gênero**. Universidade Federal do Ceará, 2006. Artigo Científico 11f. Disponível em: <https://fido.palermo.edu/servicios_dyc/encuentro2007/02_ auspicios_publicaciones/actas_diseno/articulos_pdf/A009.pdf> Acessado em: 25 de nov. 2021.

CALANCA, Daniela. **História social da moda**. 2ª ed. São Paulo, Senac São Paulo, 2011. 224 p.

CALEGARI, Mari. **História da moda 1950 a 1960**. Disponível em: <<https://blogdamaricallegari.com.br/2017/06/11/historia-da-moda-de-1950-a-1960/>> Acessado em: 26 de nov. 2021.

CALEGARI, Mari. **História da moda 1960 a 1970**. Disponível em: <<https://blogdamaricallegari.com.br/2017/08/07/historia-da-moda-de-1960-a-1970/>> Acessado em: 26 de nov. 2021

CALEGARI, Mari. **História da moda 1970 a 1980**. Disponível em: <<https://blogdamaricallegari.com.br/?s=1970>> Acessado em: 26 de nov. 2021.

CARON, Caroline Freiburger. **Influência da Moda da Ditadura da Beleza Feminina.** Faculdade de Tecnologia Senai Blumenau. 2005, 15f. Artigo Científico.

Disponível em:

<[https://www.fiepr.org.br/nospodemosparana/uploadAddress/moda\[24229\].pdf](https://www.fiepr.org.br/nospodemosparana/uploadAddress/moda[24229].pdf)> Acessado em 24 de set. 2021.

COSGRAVE, Bronwyn. **História da indumentária e da moda: da antiguidade aos dias atuais.** 1ª ed. Barcelona, GG, 2000. 255 p.

CRANE, Diana. **Moda e seu papel social: classe, gênero e identidade das roupas.** 2ª ed. São Paulo, SENAC, 2006. 499 p.

DOMINGUES, Joelza Ester. **A beleza da Grécia Antiga ao século XIX.** Disponível em: <<https://ensinarhistoria.com.br/a-beleza-na-grecia-antiga-e-hoje/>> Acesso em 26 de set. 2021.

ECO, Umberto. **História da beleza.** 3ª ed. Rio de Janeiro, Record, 2004. 438 p.

FERRAZ, Queila. **Movimento Hippie: História, roupas e personagens – Tribos Urbanas (Parte 1/4).** Disponível em: <<https://www.fashionbubbles.com/historia-da-moda/tribos-urbanas-movimento-hippie>> Acessado em: 25 de nov. 2021.

FERREIRA, Aurélio Buquerque de Holanda. **Dicionário Aurélio Infantil da língua portuguesa ilustrado.** Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1989. 228 p.

FOGG, Marnie. **Tudo sobre moda.** 1ªed. Rio de Janeiro, Sextante, 2013. 576 p.

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas.** São Paulo, Cia. Das Letras, 1989. 294 p.

MUZZARELLI, Maria Giuseppina. **Um outro par de mangas.** In: SORCINELLI, Paolo. **Estudar a moda: corpos, vestuário, estratégias.** São Paulo, SENAC São Paulo, 2008. 214 p.

PALOMINO, Erika. **A moda.** 1ª ed. São Paulo, PubliFolha, 2002. 98 p.

PEREIRA, Adriana Soares ... [et al]. – 1ª ed. – Santa Maria, RS: UFSM, NTE, 2018. 1 **ebook.** Disponível em: <https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/358/2019/02/Metodologia-da-Pesquisa-Cientifica_final.pdf> Acessado em: 29 de nov. 2021.

RATIS, Fernando. **Moda anos 70: A década alternativa e andrógena está viva e presente!** Disponível em: <<https://theshoppers.com/pt-br/moda/moda-anos-70/>> Acessado em: 27 de nov. 2021.

S, José. **Padrão de beleza.** Disponível em: <<https://abstracta.pro.br/padrao-de-beleza/>> Acessado em: 23 de set. 2021.

SHMIDTT, Alexandra. OLIVEIRA, Claudete. **O Mercado da Beleza e suas consequências.** Curso de Cosmetologia e Estética da Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI, Balneário Camboriú, Santa Catarina. Artigo Científico, 15f. Disponível em:

<<http://siaibib01.univali.br/pdf/alexandra%20shmidt%20e%20claudete%20oliveira.pdf>>
>Acessado em: 24 de set. 2021.

SILVA, Alan Rooger Moreira. **A filosofia e o discurso sobre a beleza**. Disponível em: <<https://siteantigo.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/idiomas/a-filosofia-e-o-discurso-sobre-a-beleza/57520>> Acessado em 23 de set. 2021.

SORCINELLI, Paolo: **Estudar a moda: corpos, vestuários, estratégias**. São Paulo, SENAC São Paulo, 2008. 214 p.

STEFANI, Patrícia da Silva. **Moda e comunicação: a indumentária como forma de expressão**. Juiz de Fora: UFJF, FACOM, 2. sem. 2005, 90 fl. Monografia. Projeto Experimental do Curso de Comunicação Social.
Disponível em:< <https://www.ufjf.br/facom/files/2013/04/PSilva.pdf>> Acessado em 25 de nov. 2021.

STEVENSON, N. J. **Cronologia da moda: de Maria Antonieta a Alexander McQueen**. Rio de Janeiro, Zahar, 2012. 288 p.

SUENAGA, Camila. **Conceito, beleza e contemporaneidade: fragmentos históricos no decorrer da evolução estética**. Curso de Especialização Lato Sendo em Estética Facial e Corporal. Universidade do Vale do Itajaí, Florianópolis, SC, 2012. Artigo científico. 18f.
Disponível em:
<<http://siaibib01.univali.br/pdf/Camila%20Suenaga,%20Daiane%20Lisboa.pdf>> Acessado em: 24 de set. 2021.

VIGARELLO, Georges. **História da beleza: o corpo e a arte de se embelezar, do Renascimento aos dias de hoje**. 1ª ed. Rio de Janeiro, Ediouro, 2006. 247 p.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza: como as imagens da beleza são usadas contra a mulher**. 1ª ed. Rio de Janeiro, Rocco 1992. 439 p. Disponível em:
<https://bibliopreta.com.br/wp-content/uploads/2018/01/O-mito-da-beleza_-como-as-imagens-de-beleza-s%C3%A3o-usadas-contras-mulheres-1.pdf> Acessado em: 25 de nov. 2021

ANEXOS

**A DITADURA DA MODA: ANÁLISE DOS PADRÕES ESTÉTICOS E POSIÇÕES
SOCIAIS AO LONGO DA HISTÓRIA****QUESTIONÁRIO**

Trabalho De Conclusão De Curso – Tecnologia em Design de Moda

1) Nome, Idade E Década Da Entrevistada:

2) Qual tendência de moda foi a mais marcante da sua época? Qual?

3) Você fez uso de alguma das tendências de moda? Qual?

4) Qual padrão de beleza foi mais marcante da década? Você se considerava adequada(o) ao 'padrão estético' da época?

5) Em sua opinião, a quebra de padrões estéticos se faz necessária hoje em dia? Por que?

6) Qual foi o marco histórico que mais impactou você nessa década?

7) Era possível distinguir posições sociais pelo modo como outra pessoa se vestia?

8) Quais as lembranças mais marcantes que você tem da década?

9) Quem eram os padrões de beleza da sua época? (Atrizes, celebridades, cantoras, modelos).
